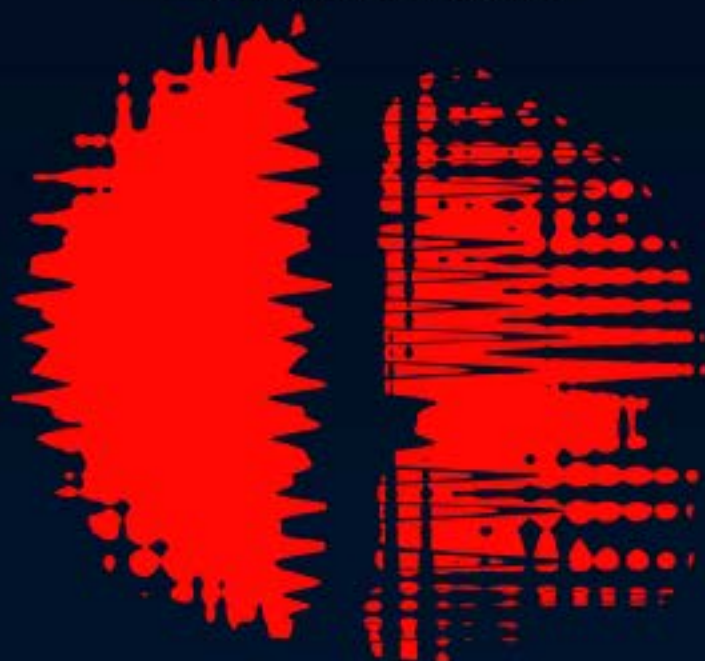


XXV ENCONTRO BRASILEIRO
DO CAMPO FREUDIANO



OS CORPOS
APRISIONADOS
PELO DISCURSO
... E SEUS RESTOS

BOLETIM

CODA

#04



Escola Brasileira
de Psicanálise

CONVIDADA INTERNACIONAL
CHRISTIANE ALBERTI
PRESIDENTE DA AMP

EVENTO PRESENCIAL
08, 09 e 10 Nov | 2024
WTC - AV. DAS NAÇÕES UNIDAS, 12.551 - SÃO PAULO, SP

SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 5 NOTAS E TONS
- 12 ...DIZERES E SUAS REVERBERAÇÕES
- 16 ARTE E CULTURA

EDITORIAL

Cleyton Andrade (EBP/AMP)
Fabrício Donizete da Costa
Comissão de Boletim do XXV EBCF

Em sua quarta edição, o Boletim Coda chega colorido e repleto de contribuições. Em *Notas e tons*, com o texto “A marca do analista”, Sergio Laia nos oferece um importante aporte para uma discussão crítica acerca do racismo, a partir de uma sutil e crucial afirmação de Lacan. Cirurgicamente, extrai da última frase do Seminário ...*ou pior*, uma espécie de advertência de que “o pior ainda está por vir”. Nos indica como a discussão sobre o racismo deve vir despida de um certo efeito de fascinação, para dar lugar ao dizer “não há relação sexual” como ponto de partida e direção norteadora. Se o racismo coloca em cena o problema em torno dos rebotalhos, o analista, apesar desse ponto de convergência, não constitui uma irmandade de segregados. O texto traz um recorte fino ao apontar que o rebotalho em jogo no racismo foi pego à revelia pelo discurso do mestre, enquanto, por outro lado, o analista sabe ser esse rebotalho numa aposta situada pela inexistência da relação sexual. Isso nos dá uma boa referência para debatermos o quanto tal discernimento é essencial, na mesma medida em que não precisa nos *atrapar* em reconhecer um em detrimento do outro.



Rosana Paulino
Atlântico Vermelho, 2017
Impressão digital sobre tecido, recorte e costura

Por sua vez, Renata Mendonça segue com a discussão sobre o racismo através de questões que concernem ao imaginário e ao discurso do mestre, mobilizada pelo título-questão: “Na atualidade o que dizer sobre o imaginário?”. Em seu trabalho, Renata nos diz que esse imaginário não se restringe à imagem especular, ao fenótipo, à cor da pele, conseqüentemente não sendo o único a distribuir as cartas quando o tema é uma política identitária. Ela pergunta, em outras palavras, sobre o que resta a um corpo que o discurso do mestre *pega, aprisiona*, ao atribuir-lhe uma cor, ao mesmo tempo que omite que não há corpo sem cor. Por fim, traz questionamentos

sobre o que ocorre com esses corpos diante do encontro com a experiência analítica. Para isso, Renata retoma as incidências clínicas da segregação em sua forma corporificada do racismo. Nos aponta uma pergunta candente: “como ler as questões imaginárias, os corpos, as questões que implicam a segregação e o racismo, de um modo que inclua os corpos pretos e questione a universalidade branca ainda existente?” Essas e outras perguntas marcam seu texto, abrindo para diálogos que, certamente, seguirão para além dos boletins Coda.

Como um bastão que se passa de mão em mão, agora sob os contornos do corpo e do imaginário, entramos nos *...dizeres e suas reverberações*, com contribuições de Marcelo Magnelli e Elisabete Siqueira.

Marcelo, fazendo um comentário sobre um recorte de um texto de Jésus Santiago, discorre sobre a ideia de que o imaginário é o corpo, na medida em que um corpo que goza sozinho, o faz sem o laço, aos moldes do autoerotismo freudiano. Ele aponta para o *aprisionamento* do corpo como não-todo, importando mais uma mutação de gozo que, na perspectiva do *sinthoma* como acontecimento de corpo, poderia constituir um aparelhamento. A pergunta lançada é se o aprisionamento poderia ser pensado a partir da noção de enodamento. Ao final, retoma a saída joyceana que tanto nos intriga.

Já Elisabete Siqueira comenta uma passagem de Mauricio Tarrab e trata inicialmente da paixão ocidental pelo corpo. Uma paixão de afetos ambivalentes. Nos chama a atenção para uma estética e uma ética em torno do corpo, bem como de uma política que frequentemente assume as formas de opressões mercantis, de dominação, de canibalismo, bem como de outras formas de violências simbólicas. Ela aponta como essa política de troca da dialética do desejo pelo gozo autoerótico produz sujeitos refratários à falta e ao amor.

A seguir, contamos com a rubrica *Arte & Cultura*, que traz duas contribuições brasileiras. O convidado mais que especial desse número é o escritor Caetano Galindo que, em seu recente livro “Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português”, destaca as múltiplas versões, as rupturas e os restos que transbordam ao aprisionamento que se supõe residir em um idioma. Diante do idioma, os idioletos, a versão singular do idioma. Valéria Beatriz Araújo, integrante da comissão de *Arte & Cultura* Arte, traça um diálogo instigante com o autor em seu texto “O Brasil e seus corpos falantes”, onde lança a ele a questão-provação: “como podemos pensar os usos da língua, à boa maneira, sem eliminar as diferenças?” Em sua resposta, gentilmente gravada para nos presentear, uma aposta “na saída de um apagamento a partir dos usos e acessos à linguagem e aos discursos”. Confira o vídeo. Imperdível!

Por fim, as imagens que dialogam com os trabalhos aqui expostos são de Rosana Paulino, artista negra paulistana, que também nos acompanha nesse boletim com suas sutis tensões interseccionais que palpitam em sua obra urgente e tocante.

Uma boa leitura!

NOTAS E TONS

A marca do analista

Sérgio Laia (AME da EBP/AMP)

A frase com que Lacan conclui a última lição do Seminário *...ou pior* parece-me reiterar o que esse título apresenta de inquietante¹. Referindo-se de forma surpreendente à intensificação do racismo já no início da década de 1970, ou seja, em uma época culturalmente notabilizada pela difusão de vários movimentos culturais libertários e por uma grande reviravolta no âmbito dos chamados “costumes”, Lacan² nos deixa o seguinte alerta: “Vocês ainda não ouviram a última palavra a respeito dele”. Em francês, inclusive por se tratar da última fala de Lacan naquela circunstância, o tom me parece ainda mais sombrio: “*Vous n’avez pas fini d’en entendre parler*”³, e eu o traduziria assim: “Vocês mal acabaram de ouvir falar disso”. Em outros termos, e já conjugando com o título do Seminário: o pior ainda está por vir.



Rosana Paulino
Série Assentamento, 2012
Litografia a cores sobre papel

De fato, se considerarmos o que se passa atualmente em nosso mundo, esse alerta de Lacan se efetiva a olhos vistos, inclusive na associação insólita entre a escalada do racismo e a proliferação dos dizeres sobre a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Sem dúvida, não se trata de considerar que, enfim, somos todo(a)s livres, iguais e irmãos-irmãs, mas que a expansão do racismo se faz mesmo na conquista do que proclamamos como nossos direitos os mais libertários, igualitários e fraternais. Ao mesmo tempo, afirmar que existe tal associação tampouco implica, para a psicanálise de orientação lacaniana adotar uma postura conservadora e desprezar as conquistas que temos experimentado política e culturalmente. Trata-se apenas de *não nos*

1 Texto escrito a partir de um convite que me foi feito por Luiz Fernando Carrijo da Cunha, por ocasião da abertura da preparação do XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, no dia 9 de março de 2024, e posteriormente formalizado por Gustavo Menezes. A esses dois colegas, meu agradecimento pelo interesse nesta contribuição.

2 Lacan, J. (1971-1972). *O seminário. Livro 19: ...ou pior*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 237.

3 Lacan, J. (1971-1972). *Le séminaire. Livre XIX: ...ou pire*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris: Seuil, 2011, p. 236.

deixarmos fascinar por tais conquistas ou pelo que elas prometem e, aqui, usando nessa advertência o verbo *fascinar*, me valho de outro alerta de Lacan⁴, aquele pelo qual sustentou que, diferente do que acontece ao Coro (essa figuração, na tragédia grega, dos espectadores), os analistas não ficassem enredados pela “imagem..., fascinante, da própria Antígona”. Essa heroína, em sua pura determinação quanto ao desejo, em nome do que lhe era mais único e insubstituível, em sua oposição à ordem vigente que acaba por vitimá-la, antecipa – no longínquo século V a.C. – muito do que encontramos hoje em nosso mundo tomado pelos imperativos da satisfação.

Porém, o tom sombrio da última frase e do próprio título do Seminário 19 deixa de conduzir-nos a uma espécie de beco sem saída porque, sem perder sua força e mesmo o que eu chamaria de sua dimensão real, é inseparável – sobretudo para a orientação lacaniana – do que já foi dito desde o início mesmo desse Seminário e que aparece na seguinte observação sobre as reticências que precedem o *...ou pior*: nos “textos impressos”, elas são usadas comumente “para marcar ou fazer um lugar vazio” e, então, tal título “ênfatisa a importância desse lugar vazio, e demonstra, assim, que essa demarcação do vazio “é a única maneira de dizer alguma coisa com a ajuda da linguagem”⁵. Também nesse início, Lacan⁶ ressalta que *pior*, como advérbio, apresenta-se “disjunto de alguma coisa que é chamada a algum lugar, justamente o verbo, que está substituído aqui pelas reticências”. Para saber qual é o verbo aludido por essas reticências e que faz uma espécie de contraponto ao advérbio *pior*, “basta balançar a letra com que começa a palavra *pior*” e, nesse balanço, o *p* se torna *d*, permitindo que, em francês, o que se contrapõe ao *pior* (*pire*) se apresente no verbo *dire*, ou seja, “dizer”⁷. Logo em seguida, Lacan⁸ destaca que não se trata pura e simplesmente do *dizer*, mas de “*um dizer*”, aquele que ele havia abordado no Seminário 18 e que, eu acrescentaria, se transformou em um de seus mais famosos aforismos: “*não há relação sexual*”.

Portanto, se o racismo, como me parece nos indicar Lacan ao final do Seminário 19, é uma das faces do *pior*, inclusive porque ele se fortalece e se expande no avanço mesmo dos discursos que proclamam que “somos todo(a)s irmãos-irmãs” e que, atualmente, se difundem como ser *brother*, ser *bro*, ser *mano* e, também, como *brotheragem*, *sororidade*, “mexeu com uma, mexeu com todas”, é ainda mais decisivo que os analistas não se deixem fascinar por tais proclamações, embora possam reconhecer-lhes – em circunstâncias marcadas pela singularidade – alguma pertinência. Essa dimensão decisiva se vale, a meu ver, do que está aludido pelas reticências que antecedem o “ou *pior*” e que é, efetivamente, diverso do que se apresenta como igual, todo(a)s, mesmo. Os analistas, assim, para fazerem frente ao *pior*, se valem não dos ideais (por mais nobres, justos e libertários que estes sejam), mas de *um dizer*: *a relação sexual não existe*. Em outros termos, a inexistência da relação sexual, de uma proporção ou paridade entre os sexos, é o furo mesmo do qual se vale a psicanálise de orientação lacaniana para se contrapor ao *pior*.

4 Lacan, J. (1959-1960). *Le séminaire. Livre VII: L'éthique de la psychanalyse*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris: Seuil, 1986, p. 290.

5 Lacan, J. (1971-1972/2011). *Op. cit.*, p. 11.

6 Idem.

7 Idem, p. 12.

8 Idem.

Porém, essa posição que Lacan indica aos analistas não é aquela de uma mera exterioridade com relação ao mundo e àqueles que o habitam. Por isso, no Seminário 19, também vamos encontrar a seguinte formulação: “nós somos irmãos de nosso paciente na medida em que, como ele, somos os filhos do discurso”⁹. A meu ver, a referência para essa filiação discursiva comum entre analista e paciente é o modo como, por exemplo, o discurso do mestre “pega”, *attrape* ou, na já polemizada tradução adotada pelo título do XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e presente na edição brasileira do Seminário 19, “aprisiona”¹⁰ os corpos, inclusive nas palavras de ordem paradoxalmente subversivas que, por exemplo, desde os anos 1960, povoam os muros e os corpos. Assim, um analista – particularmente antes de poder aceder a essa posição, antes de sua passagem de analisante a analista, antes de poder verificar como o S_1 , ou seja, o significante mestre, ordenador, pode ser menos besta – era, tanto quanto seu paciente (e por ter sido paciente), “moldado”¹¹ pelo discurso do mestre, ou seja, pelo inconsciente. Mas também quando um analista se deixa tocar pela transferência, quando ele se dispõe a analisar a “moldagem” que o discurso do mestre imprime em cada um de seus analisantes, há alguma irmandade sua com relação ao paciente, na medida em que, assim, um analista se deixa passar por um dos objetos da vida amorosa inconsciente de quem ele atende.

No entanto, a indicação lacaniana dessa irmandade entre analista e paciente é antecedida, no próprio Seminário 19, por uma questão que vai também dissolvê-la, e de forma, a meu ver, contundente e radical: “De quem somos irmãos em todo discurso diferente do discurso analítico?”¹² Com essa pergunta, verificamos que a irmandade só é mesmo possível *fora* do discurso analítico. Tal excepcionalidade do discurso analítico, sua diferença com relação aos outros discursos, se dá, a meu ver, porque apenas ele sustenta e demonstra esse dizer que “a relação sexual não existe”. Àqueles cujos corpos o discurso analítico impacta (e, aqui, uso um verbo diferente do “pegar”, *attraper*), esse discurso promove a extração das mais variadas e singulares consequências desse dizer. Em outros termos, a inexistência da relação sexual implica a impossibilidade de sermos *bro*, “mano”, “maninha”, “miga” e tudo mais que – mesmo se valendo do justo, do certo, do próximo, do livre – pode acabar como: ...ou pior.

9 Idem, p. 235.

10 Na discussão que se seguiu às apresentações do dia 9 de março de 2024, referentes à abertura da preparação do XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, Jésus Santiago questionou a tradução de *attrapés* por “aprisionados” e essa problematização ecoou em algumas réplicas. Por sua vez, no número 2 de *Coda*, boletim eletrônico relacionado a esse Encontro, Marcus André Vieira, embora concordando que não se trata mesmo da melhor tradução, convidamos a considerar o que ele chamou de “intradução lacaniana” que, a meu ver, apesar de ser um recurso diplomático e que tem seu lugar nos estudos sobre tradução, não resolve exatamente a questão: <https://encontrobrasileiroebp2024.com.br/index.php/boletim/boletim-coda-02/>

11 Retiro, também do Seminário 19, essa referência a ser “moldado” pelo discurso do mestre: para “o discurso do mestre, vocês são, como corpos, moldados (*pétris*)” (Lacan, 1971-1972/2011, p. 235). Assinalo que, na edição brasileira desse Seminário, o termo *pétris* foi erroneamente traduzido por “petrificados” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 220). Não se trata de modo algum de uma *petrificação*, mas de uma espécie de *moldagem*, de *manipulação*. Rodrigo Lyra Carvalho, em um recente *podcast* referente ao XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, é sensível a essa diferença, mas sua tradução (que ele próprio considera discutível) de *pétris* por “sovados” me pareceu demasiadamente literal; também sua referência aos afetos, conforme ele também alude, mereceria um maior aprofundamento. Esse *podcast* encontra-se acessível em:

https://open.spotify.com/episode/3oQLKVzqeQcNMCKo1gbJOJ?si=Uo7wBJ3S2yMbdZHOJ_39Q&nd=1&dlsi=add566f-fb3884529

12 Lacan, J. (1971-1972/2011). *Op. cit.*, p. 235.

Essa excepcionalidade do discurso analítico não confere, entretanto, aos analistas, uma posição propriamente privilegiada, embora os marque, um a um, de modo ímpar. Por isso, em 1973, no ano seguinte à última lição do Seminário 19, Lacan¹³ afirma que o analista é o “rebotinho (*rebut*) da dita (humanidade)”, ou seja, daquela que tanto proclama o todo(a)s irmãos-irmãs, quanto vê o racismo se expandir com esse mesmo proferimento. Segundo Lacan¹⁴, um “analista deve trazer” esta “marca” – ser “rebotinho” da humanidade, isto é (e volto a evocar o racismo), ser um *segregado*... do discurso do mestre que, como sabemos, na experiência analítica, apresenta-se como o próprio inconsciente. Em outros termos, o analista, por trazer esta marca, faz valer, como semblante, no agenciamento do discurso analítico, o objeto a , essa *causa* que, no discurso do mestre, aparece no lugar do produto e da perda, ou seja, da própria segregação.

Considero que Lacan também nos permite estabelecer uma diferença entre o analista e o que acontece a outros segregados da dita humanidade e, devido a essa diferenciação, também a marca “rebotinho” dará lugar a qualquer irmandade, a qualquer identificação, entre o analista e os outros excluídos da própria humanidade. Afinal, enquanto esses excluídos assim são, à sua revelia, a seu *insu*, por uma moldagem, uma espécie de manipulação realizada pelo discurso do mestre em seus corpos, o analista é aquele que, para Lacan¹⁵, “sabe ser um rebotinho”, e eu considero que, esse *saber*, ele extrai única e exclusivamente do modo como a experiência analítica e sua passagem de analisante à analista lhe permitem sustentar a inexistência da relação sexual, a imparidade que marca os corpos de cada falasser.

13 Lacan, J. (1973). “Note italienne”. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001, p. 308.

14 Idem.

15 Idem, p. 313.

Na atualidade o que dizer sobre o Imaginário?

Renata Lucindo Ferreira Mendonça (EBP/AMP)

A partir do que escutamos em nossa clínica na atualidade, gostaria de fazer uma pequena provocação, uma convocação ao trabalho em um ponto que nos concerne e vem nos instigando: a segregação a partir do racismo. Esse tema já está presente em nossos trabalhos, tem um caminho longo a ser percorrido e questões a serem investigadas.

Em um texto de Jésus Santiago, ele afirma:

Enfrentar a questão do racismo constitui um dos maiores desafios para a consolidação dos impasses atuais da democracia, concebida sob a égide do princípio republicano das liberdades públicas e da tolerância ao Outro. Dentre esses impasses devo destacar que as democracias atuais lutam contra suas duas doenças internas: a tirania da maioria e a tirania das várias minorias.¹

Podemos afirmar que, nos dias atuais, estamos marcados por vários discursos do mestre. Esse fenômeno abala o discurso universal da lógica da existência do Outro em que o universal “branco”, mas sem cor, sustentava o discurso do colonizador, decidindo quem era homem e quem não era, estabelecendo quais seriam os modos de gozo considerados civilizados. Esse discurso não é mais o único a ocupar o lugar da verdade.

Isso não quer dizer que o Discurso do Mestre não esteja presente, mas sim, que está pluralizado. O Discurso do Mestre surge, a cada vez, quando uma verdade tenta universalizar o gozo, quando um modo de gozo rechaça outro modo de gozo, destitui ou tenta normatizar o gozo do Outro.

Sendo assim, como ler as questões imaginárias dos corpos, as questões que implicam a segregação e o racismo de um modo que inclua os corpos pretos e questione a universalidade branca ainda existente?

Precisamos localizar como cada sujeito adere ou não ao caldo cultural presente em nossa época. Precisamos nos perguntar sobre os laços sociais regidos pelo saber do discurso capitalista com o discurso da ciência e sobre o discurso racista e suas estratégias ligadas ao discurso capitalista.



Rosana Paulino
Senhora das plantas, Espada de lansã, 2022
Aquarela e grafite sobre papel

¹ Santiago, J. “Racismo: apenas existem raças de discurso”. In: *Revista Derivas analíticas: Revista Digital de Psicanálise e Cultura da Escola Brasileira de Psicanálise – MG*. Disponível em: <https://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/racismo-discursos>

Assim, localizando esses pontos, lendo como o sujeito adere à cultura, como ele faz laço na atualidade, é possível ler o momento em que a identificação imaginária faz a existência de um corpo vivo, como uma nomeação pode forjar um novo lugar de um corpo preto, não só social, mas também, singular. Isso implica um lugar inédito de sujeito que não é só uma alienação identitária, mas um modo de se perguntar sobre o seu inconsciente, sua história, sua existência e a constituição de seu Eu. O Eu como essa representação que faz laço e circula pelo mundo. A partir dessa nova leitura de si e do mundo – “sou preto”, “isso é racismo” –, um sujeito pode estar entre os outros de outra forma, se posicionar no mundo de uma nova maneira.

Ao pensar na experiência de análise de um sujeito com um analista avisado do racismo estrutural, separado da “tirania da maioria” – que lemos aqui como “branca” colonizadora –, podemos apostar em um lugar inédito, uma nomeação que pode separar esse sujeito da tirania do Outro, seja o discurso da “tirania da maioria”, seja o da “tirania das minorias”, e permitir que ele caminhe com seu corpo e sua singularidade.

Tomo essas questões como importantes, pois temos um eixo de trabalho que levanta perguntas sobre o mundo regido pelas imagens e o lugar do imaginário. O Imaginário que cabe à psicanálise é aquele que faz parte do inconsciente, da constituição do sujeito e de seu Eu.

O Eu é uma instância do imaginário, é a imagem especular. Sua transformação e constituição se dão no caldo cultural no qual tanto a criança quanto o Outro materno estão mergulhados, onde o romance familiar se constitui. O Imaginário é um dos barbantes que compõem o nó borromeano junto com o Real e o Simbólico, fazendo uma função que não se trata mais de uma hierarquia entre esses três registros.

Esse novo lugar do Imaginário não é só especular, não propõe, por exemplo, uma leitura do fenótipo, não é uma questão de pele. Algo do Imaginário também se refere ao para-além do especular, do identitarismo ou do Eu, podendo ser mais alguma coisa, uma questão de corpo, de ter um corpo. Com isso, o psicanalista precisa ler o Imaginário para além da lógica especular, podendo ir além da desidentificação.

Ao pensar no Imaginário para além do especular, poderíamos nos perguntar: o que resta a ser lido em relação a um corpo que tem cor e que vive sob os discursos que sabem disso? O Discurso do Mestre, o discurso capitalista e o Discurso Universitário, por exemplo.

O Discurso do Mestre como o universal “branco” e “colonial”. O discurso capitalista que, em parceria com a ciência e com o discurso racista, usa esse corpo. E o Discurso Universitário que, na atualidade, quer ter um saber sobre ele.

Em relação ao Discurso do Mestre, o argumento do Encontro cita Lacan que nos avisa: “No discurso do mestre, vocês, como corpos, estão petrificados”². Assim, aprisionados.

A partir da citação acima, talvez possamos pensar que o Discurso do Mestre, universal ou pluralizado (como acontece no contemporâneo), petrifica os corpos e que o Discurso do Analista talvez seja aquele que, a partir de uma análise, possa fazer uma torção e, assim, permitir ao sujeito fazer outra coisa com o seu corpo, podendo tê-lo, mas não aprisionado, podendo estar

2 Lacan, J. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 220.

desgarrado do Discurso do Mestre e mais próximo de sua singularidade.

Com esses marcadores acima, destaco um ponto de trabalho sobre o primeiro Eixo: “quando o imaginário faz obstáculo à entrada em análise”.

Desse modo, podemos nos perguntar: em que momento o imaginário faz obstáculo à entrada em análise? Esse obstáculo viria do candidato a uma análise ou viria do analista? O analisando estaria agarrado à “tirania das minorias”, a um Discurso do Mestre pluralizado ou o analista estaria preso à “tirania da maioria”, ao Discurso do Mestre universal marcado pelo mestre colonizador?

A que se referem as identificações imaginárias? Quando elas se tornam uma solução possível? Quando elas fazem função e como atravessá-las?

A partir dessas perguntas, outros pontos nos instigam: é possível atravessar as identificações na atualidade? A cor da pele seria um obstáculo? E de qual lado está esse obstáculo? É possível reler o corpo e dar outro lugar para o imaginário que não seja aprisionado pelo Discurso do Mestre? Quais seriam os restos do imaginário no fim de uma experiência de análise?

Referências:

- Castro, H., Vieira, M. A. et al. “Acontecimentos políticos de corpo: o analista e a segregação”. In: *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. São Paulo: EBP, n. 90, abril 2023, p. 75-108.
- Cunha, L. F., Gorky, G., Groisman, A. T., Maia, R., Mandil, R., Musse, M., Scofield, L., Veras, M. “Os corpos aprisionados pelo discurso ...e seus restos”. Argumento do XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano 2024. Disponível em: <https://encontrobrasileiroebp2024.com.br/index.php/o-encontro/argumento/>
- Iannini, G. “Interseccionalidades entre sexo, raça e classe na Viena freudiana, 100 anos depois”. In: *Freud no século XXI: Volume I: O que é psicanálise?* Belo Horizonte: Autêntica, 2024, p. 115-128.
- Santiago, J. “Racismo: apenas existem raças de discurso”. In: *Revista Derivas analíticas: Revista Digital de Psicanálise e Cultura da Escola Brasileira de Psicanálise – MG*. Disponível em: <https://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/racismo-discursos>

...DIZERES E SUAS REVERBERAÇÕES

No momento final de seu ensino, o imaginário define-se pela crença de que o ser falante possui um corpo – ou seja, o imaginário é o corpo que se acredita existir. Uma coisa, porém, é a crença em se ter um corpo; outra é o corpo propriamente dito. O corpo do ser falante não é o cadáver. O corpo do cadáver é consistente e não se evapora quando de sua consumação. O corpo vivo do ser falante é evanescente e inconsistente, escapa-lhe a todo o tempo.

(Santiago, J. “O novo imaginário é o corpo”. In: *Derivas analíticas*. Revista digital de psicanálise e cultura da EBP-MG. Belo Horizonte: EBP, março de 2024.)

O Novo Imaginário e o enodamento possível

Marcelo Magnelli (EBP/AMP)

Lacan, no início de seu ensino, reduz o Imaginário a $i(a)$. Com a topologia do nó borromeano, Real, Simbólico e Imaginário ganham independência e perdem hierarquia entre si. Jésus Santiago¹ parte destes pontos para chegar à citação destacada. É a partir da perspectiva de que o objeto a curto-circuita a relação imaginária que Lacan “esburaca” o imaginário, chegando à noção de que o corpo que interessa à psicanálise não é o correlato à imagem narcísica, esférica e imaculada. Também não é um corpo “corpsificado” (cadaverizado) pela ação simbólica. Seu caminho vai, então, da esfera ao toro, chegando ao nó borromeano. O corpo do falasser é vivo porque dele transborda gozo e sempre escapa à imagem especular.



Rosana Paulino
Paraíso tropical, 2017
Impressão digital em tecido, colagem e costura

O Imaginário é o corpo na medida em que “é contíguo ao real do gozo”², sustentando a imagem por meio dos restos do real do gozo. Esta dimensão do Imaginário caminha, *pari passu*, à noção de corpo destacada por Jacques-Alain Miller em seu curso *O Um sozinho: um corpo es-*

1 Santiago, J. “O novo imaginário é o corpo”. In: *Derivas analíticas*. Revista digital de psicanálise e cultura da EBP-MG. Belo Horizonte: EBP, março de 2024. Disponível em: <https://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/corpo2#:~:text=No%20momento%20final%20de%20seu,falante%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20o%20cad%C3%A1ver>

2 Idem.

trangeiro, um *corpo gozante*, um corpo que se goza³. Ou seja, um corpo que goza sozinho, sem fazer laço, e que corresponde ao *autoerotismo* freudiano.

“UOM, UOM de base, UOM kitemum corpo e só-só Teium [*nan-na Kum*]. Há que dizer assim: ele teihum..., e não: ele éum... (*corp/aninhado*). É o ter, e não o ser, que o caracteriza. (...) UOM *tem [a]*, no princípio. Por quê? Isso se sente e, uma vez sentido, demonstra-se”⁴.

Ao modo da escrita joyceana, Lacan aponta que se trata de ter – e não de ser – um corpo. Laurent destaca que esta é a “terência”⁵, ocorrida primeiro para que o gozo possa se inscrever nele. Primeiro se experimenta o gozo para depois poder produzir-se um saber significativo sobre o corpo. Ou seja, desse corpo marcado pelo gozo de lalingua, virão efeitos de acontecimento que possibilitarão a constituição do inconsciente articulado como um saber.

Podemos dizer que o “aprisionamento” do corpo é “não-todo”, comportando algo da dimensão do forçamento, ao introduzir uma diferença quantitativa de gozo. Estamos na clínica do acontecimento de corpo, partidária da noção de forclusão generalizada. Assim, importa mais uma mutação de gozo do que um franqueamento⁶. Nesse sentido, cada falasser precisa se haver com o gozo como tal, corporal, experimentado como fenômeno. Interessa-nos o modo como o falasser faz, do fenômeno, um acontecimento de corpo, constituindo, assim, um *sinthoma* enquanto um quarto nó, que tem efeito de enodar os três registros, de modo a reparar o lapso, desestabilizante, no mesmo ponto onde ocorre. O *sinthoma*, então, é um acontecimento de corpo, contingente, que dá lugar ao sentido⁷. Nesta perspectiva, não se trata de revelar algo, mas de aparelhar gozo. Estaria aí um dos modos de tratarmos a dificuldade com o termo “aprisionar”, tomando-o a partir da noção de enodamento, *sinthomático*, cujos restos não cessam de reiterar?

Poderíamos dizer que o EGO de Joyce, *sinthomatizado* por sua escrita – que visava a manter os universitários ocupados por 300 anos –, enoda os três registros *sem* o recurso de uma imagem corporal *i(a)*, auxiliando no ordenamento de seu circuito de gozo, ao promover seu aparelhamento “sem ceder ao sentido”, como diz Miller⁸? Nesse caso, parece que temos um nome (EGO) no lugar do corpo (enquanto imagem corporal, ego).

3 Miller, J.-A. (2010-2011) *Curso da Orientação Lacaniana: O Um sozinho*. Inédito.

4 Lacan, J. “Joyce, o Sintoma”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 561.

5 Laurent, É. *O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016, p. 57.

6 Miller, J.-A. “Mutaciones de goce”. In: *Sutilezas Analíticas*. Buenos Aires: Paidós, 2011, p. 163-180.

7 Miller, J.-A. (2010-2011). *Op. Cit.* Destaco o trecho: “O *sinthoma* é definido como um acontecimento de corpo que evidentemente dá lugar ao sentido. A partir desse acontecimento uma semântica dos sintomas se desenvolve, mas, na raiz dessa semântica há um puro acontecimento de corpo” (tradução livre).

8 Miller, J.-A. “Lacan com Joyce”. In: *Correio*. N. 65. São Paulo: EBP, abril de 2010, p. 58.

El cuerpo siempre ha sido alterado por rituales impuestos por el discurso social. Eso no es una novedad de la época. Lo que es una novedad de la época es que esas alteraciones no son ahora reguladas, pautadas, ritualizadas por ese discurso [social]. Esa es a mi juicio una característica inédita de nuestra época. La tecnología y el mercado han entendido que es necesario para los seres parlantes marcar, modificar, alterar sus cuerpos, sea por motivos psicopatológicos, estéticos o de goce. Y tienen mucho para ofrecer... El cuerpo, para ser um cuerpo, siempre es alterado.

(Tarrab, M. "Esplendor de los cuerpos y de los discursos". In: *El decir y lo real*. Olivos: Grama Ed, 2023, p. 67-82)

Perda de rumo e forclusão das coisas do amor

Elizabeth Siqueira (EBP/AMP)

A passagem destacada de Maurício Tarrab me fez pensar, acompanhando suas proposições, que o corpo tem ocupado um lugar central ao longo dos tempos e é um dos temas prediletos no discurso contemporâneo das sociedades ocidentais. Essa paixão irrefreável pelo corpo é uma das consequências da estruturação individualista de nossa sociedade, a ponto de Éric Laurent afirmar, sem meias palavras: "O corpo humano é um Deus... Ele é suposto ser o fundamento de uma ciência da felicidade"¹.

Porém, o que se nos apresenta é que a contemporaneidade é ambivalente em relação ao corpo. Por um lado, há uma visão do corpo como esplendoroso, corpo glorioso que pode ser totalmente reciclado pela tecnociência, lugar de resistência, veículo e receptáculo de sensações e gozo. Por outro lado, há um ódio e o corpo é esvaziado de qualquer valor, encarnando a parte maléfica que deve ser corrigida. Há um discurso que o menospreza e o abomina por sua vulnerabilidade, precariedade e finitude, percebendo-o como um corpo entrave².

O corpo se tornou objeto de uma busca contínua, infinita, que fala da necessidade de se encontrar uma ancoragem de si. Na contemporaneidade, ele se apresenta como um corpo que se modela e que tende a se metamorfosear em roupa de carne, que se gerencia, e se muda à vontade. Em suma, um negócio que se domina. Em outras palavras, o corpo significa algo a se fazer moldar, a se renovar, a se transformar. É um corpo disponível a qualquer coisa, corpo mercantilizado, marcado, pressionado de formas tão fortes quanto contraditórias.

Haber e Renault renunciaram que o mercado da forma e da saúde orientaria a economia do século XXI para a biotecnologia³. Para eles, o neoliberalismo não perdoa os corpos, haja vista a existência de todo um mercado de consumo dirigido ao corpo, provocador de identida-

1 Laurent, É. *Entrevista para o Jornal La nación*. Exibição em 9 de julho de 2008. Divulgação pela mala-direta da EBP-Veredas, em 01/08/2008. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, 2008.

2 Siqueira, E. R.A. *Muralhas da inibição*. Curitiba: CRV, 2018.

3 Haber, S. & Renault, É. *Cuerpos dominados, cuerpos en ruptura*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

des em ruptura, encenadas nas perturbações corporais. Destacam a existência de batalhas com e pelo corpo, atualizadas sob a forma de múltiplas ideologias que avalizam violências simbólicas sobre ele, com fins de naturalizar opressões invisíveis que o mercantilizam e de ocultar dominações subliminares. Podemos deduzir que há um canibalismo disfarçado que devora o corpo, modificando-o e maltratando-o.

Tal voracidade dirigida ao corpo é o signo de que, nesta civilização do consumo, o gozo está solto, sem rédeas, buscando uma plenitude imaginária inexistente e impossível, de um gozar até não poder mais, em uma relação direta com o objeto. Em resumo, a civilização ocidental e capitalista provoca a troca da dialética do desejo pelo gozo autoerótico. Tal oferta produz sujeitos incapazes de lidar com a falta e, conseqüentemente, com as coisas do amor. Por tudo isso, “é um erro acomodar-se à perda de rumo da época”⁴.

4 Tarrab, M. “Esplendor de los cuerpos y de los discursos” *Op. cit.*, p. 67-82.

ARTE E CULTURA

O Brasil e seus corpos falantes

Valéria Beatriz Araújo
Comissão de arte e cultura XXV EBCF



Rosana Paulino
Bandeira criada para o Museu de Arte do Rio (MAR)
inspirada pelo conceito de "Pretuguês" da filósofa Lélia Gonzalez

Flor do Lácio, Sambódromo Lusamérica, latim em pó **O que quer** **O que pode esta língua?** **(Caetano Veloso)**

Caetano Galindo, escritor, tradutor, professor de história da língua portuguesa na UFPR e "palpiteiro e provedor de serviços textuais aleatórios", como ele próprio diz, é o convidado para o espaço de intercâmbio desta edição do boletim Coda. Autor de *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*, uma das referências propostas pela comissão de arte e cultura, é também citado por Niraldo de Oliveira Santos em seu texto de apresentação do XXV EBCF, de onde extraímos a questão a respeito do que poderíamos chamar um tipo particular de bilinguismo em relação à língua portuguesa falada no Brasil.

Um português brasileiro? Um brasileiro? Um pretuguês?

Nesse livro incontornável, Caetano Galindo passeia pela construção e pela diversidade dos usos da língua falada no Brasil, destacando a marca profundamente racializada e segregativa da clivagem do que seriam duas línguas portuguesas, incluindo, de forma efetiva, esse Brasileiro indígena e africano. "Todo um Atlântico de diferenças"¹, como ele aponta. Uma dessas vias destaca a ruptura sistemática imposta pelo discurso dominante do colonizador à comunicação dos escravizados, o que pode ter ampliado seu impacto na nossa língua. Cito alguns fragmentos do livro que apresentam essa questão:

(...) sabe-se, porém, que era prática recorrente misturar escravizados de origens e culturas diferentes para dificultar sua comunicação nas senzalas e nas cidades e diminuir seu potencial de organização e rebelião.²

1 Galindo, C. *Latim em pó. Um passeio pela formação do nosso português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 139.

2 Idem, p. 166.

No entanto, é igualmente possível supor que essa ruptura sistemática imposta à comunicação dos escravizados possa ter, na verdade, ampliado seu impacto na nossa língua de todo dia.³

O que certamente dificultou à linguística do século XX lidar com o mapa das famílias de línguas da África é o fato de ter havido no continente, ao que tudo indica, uma prevalência bem maior de relações “transversais” entre idiomas, ou seja, situações em que línguas geneticamente não relacionadas, mas que convivem ou passam a conviver num mesmo ambiente, acabam trocando características gramaticais. Não apenas palavras – como vimos, elas são mercadoria barata –, mas traços estruturais do idioma.⁴

Ou seja, tal processo deixa uma marca, um “produto” que escapa à norma e ao discurso que aprisiona os corpos, ampliando uma língua a partir de múltiplas versões. Como ruptura, como resto que não cabe neste aprisionamento. Como deglutição e destilação. Como subversão. Para sobreviver. Para continuar em cena.

A mudança linguística, inexorável, também pode ser uma curiosa lição de democracia. “O que quer, o que pode essa língua?”⁵

Em suma, o retrato mais fiel da variabilidade das línguas é que, no limite, cada pessoa fala uma versão singular do idioma, aquilo que em linguística se chama de idioleto, o idioma de apenas um usuário.⁶

Se “língua nenhuma, em nenhum momento, jamais esteve pronta”⁷, como bem diz o autor, essa aprendizagem viva e imperfeita, esses restos que escapam ao discurso articulam-se com os corpos aprisionados, tema de nosso encontro.

Endereçamos a Caetano uma questão, para seguirmos conversando:

Como podemos pensar os usos da língua, à boa maneira, sem eliminar as diferenças?

Segue o vídeo com os seus comentários, a partir dessas instigações.

Saravá!

Seja bem-vindo, Caetano!

Vídeo disponível em: <https://encontrobrasileiroebp2024.com.br/index.php/2024/07/24/arte-e-cultura-3/>

3 Idem, p. 172.

4 Idem, p. 167.

5 Idem, p. 66.

6 Idem, p. 70.

7 Idem, p. 195.

BOLETIM

CODA

DIRETORIA DO ENCONTRO:

PATRICIA BADARI (*PRESIDENTE*) | NIRALDO DE OLIVEIRA SANTOS (*DIRETOR*)
ALESSANDRA PECEGO E RÔMULO FERREIRA DA SILVA (*COORDENADORES GERAIS*)

COMISSÃO DO BOLETIM:

COORD: GUSTAVO MENEZES (SP) E RENATA GOMES MARTINEZ (RJ) |
ADRIANA RODRIGUES (SUL)
CLEYTON ANDRADE (NE)
DANIELA NUNES ARAÚJO (BA)
FABRÍCIO DONIZETTI (SP)
OLÍVIA VIANA (MG)
THEREZA DE FELICE (RJ)

DESIGNER: BRUNO SENNA